

**POLIRUDEZA1: A AGRESSIVIDADE “POLIDA” NOS DEBATES POLÍTICOS
TELEVISIVOS**

Geovana Chiari
geovanachiari@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/5740607801543086>

RESUMO

O presente artigo busca analisar trechos dos debates políticos televisivos de 2014, observando a produção e o funcionamento do discurso dito agressivo associado a formas de polidez, ironia, argumentação, estrutura frasal e expressão facial, - recursos estes que podem amenizar a agressividade ou torná-la ainda mais ácida, mas construída de modo indireto - a partir da abordagem teórica da Análise do Discurso, das reflexões da Semiologia histórica, bem como dos estudos de Amossy (2014), no tocante a relação entre insulto e argumentação.

Palavras-chave: Agressividade “polida”; Discurso político, Debate.

1 Termo traduzido do francês “Polirudesse” utilizado pela autora Marie Reetz no artigo *La polirudesse affective : la familiarité feinte dans l’infotainment comique*, Disponível em: <https://semen.revues.org/10410>.

INTRODUÇÃO

As suspeitas, os receios, os medos, a frieza, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão todo o tempo sob esse véu uniforme e pérfido da polidez, sob essa urbanidade tão exaltada que devemos às luzes de nosso século (ROUSSEAU, 1978, p.336)²

O debate político é caracterizado como um gênero agonal, agressivo e não consensual, que obedece a certos códigos de conduta, dada a posição ocupada pelos sujeitos enunciadoreis. Muitas vezes, os efeitos de agressividade são mais contidos, disciplinados, e resultantes até mesmo de uma construção linguística aparentemente cortês, o que gera uma falsa harmonia.

Segundo Desmarchelier (2003), os debates políticos são, com frequência, lugares de expressão de uma violência que se dá por meio de palavras e que ‘demanda’ agressividade, uma vez que os candidatos estão frente a frente e em posição de confronto.

Para melhor compreendermos as condições de emergência de um discurso cujas características produzem efeitos de uma agressividade “polida”, é imprescindível analisarmos os rituais aos quais este gênero obedece. Em todos os debates, por exemplo, existe a figura do mediador e de, no mínimo, dois participantes, o que possibilita o confronto e apresentação de ideias entre candidatos a um determinado cargo político. Determina-se a duração do debate, a ordem de intervenção, o número de participantes. Os debates são realizados geralmente nos estúdios da emissora, apresentando a seguinte disposição espacial: o mediador ao centro do palco e os candidatos em pé ficam

² ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as Ciências e as Artes**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 a. Col. Os Pensadores.

nas laterais atrás de suas “bancadas”. É a voz do mediador que informa as regras que exercerão controle nos corpos e no dizer.

Os sujeitos ocupam lugares historicamente determinados que os permitem dizer algumas coisas e não outras, visto que as regras determinadas por esses lugares impõe restrições que também estão ligadas ao público a quem esses discursos são dirigidos.

Neste *médium*, o ataque político é assumido geralmente por um ator social que avança com o rosto descoberto, implicando assim sua própria pessoa. Amossy (2014) reitera que, neste caso, o polemista assume plenamente sua responsabilidade: ele se engaja e engaja também sua pessoa civil num combate em que ele pode pagar um alto preço. Nestas circunstâncias, os efeitos de agressividade tornam-se mais brandos, vigiados e estratégicos, dado também ao imaginário construído historicamente sobre a *posição sujeito* ‘candidato à presidência da República’.

Como um efeito do controle, das regras historicamente determinadas e por estarem com o *rosto descoberto*, produz-se o *véu da polidez*, da docilidade, da falsa harmonia.

Análise do discurso e a *Apologia da polêmica*

Em nossos estudos, recorreremos aos conceitos de discurso, enunciado, em Foucault (1996), - considerando os diálogos que estabelece com os trabalhos de Pêcheux - sobretudo pelo fato de abranger questões relacionadas às condições de emergência e às posições sujeito. Sabe-se que Courtine (2009) aproximou a noção de enunciado de Foucault às reflexões de Pêcheux (1983, 1990, 1997). A noção de enunciado foucaultiana é pertinente para fundamentar a análise que exige reconhecer o enunciado não só como enunciado linguístico, apresentando quatro propriedades:

- 1) O enunciado se dá em função das condições de emergência de aparição deste dado enunciado.
- 2) O enunciado tem um autor que assinala uma posição sujeito.

3) O enunciado não ocorre de forma livre, mas sempre circunscrito a um domínio associado, no qual formulações se repetem, se refutam, etc.

4) O enunciado tem uma existência material, apresentando uma materialidade repetível.

Inicialmente a preocupação da Análise do discurso residia em analisar textos políticos escritos. No entanto, o discurso político foi se modificando, exigindo análises de outras materialidades. Para tratar do discurso político na atualidade, Courtine ([1987] 2006a) propõe uma Semiologia Histórica, cujo enfoque se constituirá, primeiramente, em perspectivas históricas e antropológicas, e posteriormente em discussões acerca do rosto e do corpo, “a fim de pensar discursivamente as redes de imagens que constituem a cultura e o imaginário de uma sociedade” (GREGOLIN, 2008, p. 21).

O pesquisador defende que as técnicas audiovisuais de comunicação política promoveram toda uma pedagogia do gesto, do rosto, da expressão. Elas fizeram do corpo um objeto-farol [...] (COURTINE, 2003, p. 24 – 25).

Parece-nos pertinente, portanto, tratar das discussões sobre corpo e rosto em Foucault e Courtine, uma vez que o *corpus* desse trabalho exigirá análises que envolvem outras materialidades além do discurso verbal.

Para tratar mais especificamente dos discursos dito agressivos, lançaremos mão das reflexões trazidas por Amossy (2014), no livro “Apologie de la polémique”, ressaltando a dimensão argumentativa do insulto. A pesquisadora traz exemplos da relação entre insulto e argumentação, retirados do fórum online do diário francês de esquerda, denominado “Libération”, e constrói alguns parâmetros que nos ajudarão a compreender e classificar a violência verbal, a saber:

- 1) Há uma forte pressão ou uma coerção é exercida para impedir o outro de se exprimir linguisticamente.
- 2) O ponto de vista apresentado é totalmente desconsiderado e ridicularizado. Linguisticamente, o contra-discurso não apresenta a fala adversária se não sob formas fortemente desvalorizantes, mobilizando todo o arsenal do discurso

relatado. A fala do outro é reprisada, reformulada, descontextualizada e invalidada, de modo a lhe privar de sua coerência própria, tratando-a de forma irônica, paródica.

- 3) O polemista ataca a própria pessoa do opositor. Temos aqui um argumento ligado ao *ad hominum*, que foca mais na pessoa do que sua tese. Ele compreende, segundo Douglas Walton (1985), a) o ataque direto contra a pessoa, focando suas características e a sua personalidade ao invés de refutar os argumentos; b) uma questão circunstancial que supõe uma inconsistência entre o argumento do outro e seu comportamento, ou uma contradição nos seus dizeres – que seria a desqualificação pela incoerência; c) o argumento falho: Acusa-se o sujeito de ter interesses pessoais, de ser desonesto; d) o “você também” consiste a retornar contra o outro a acusação.
- 4) O ponto de vista, a entidade, ou a pessoa que a encarna são assimiladas como um mal absoluto, entregando-o à execração pública. Há uma diabolização do outro.
- 5) A violência é sempre ligada ao *pathos*: o polemista exprime sentimentos violentos que se inscrevem pelas marcas lexicais, sintáticas e prosódicas. A agressividade provem aqui do fato que o locutor parece agitado pelos sentimentos fortes suscitados pelo oponente e dirigidos contra ele. Essa emoção se traduz sob o plano lexical ou pelas exclamações, repetições enfáticas, um ritmo.
- 6) O polemista usa insultos contra seu adversário. Atribui-se ao outro qualidades que o desqualificam. Manifesta-se hostilidade contra ele. O insulto solicita uma reação e se relaciona aos argumentos contra a pessoa, manifestando um desacordo vivo em relação ao discurso e comportamento do outro. O locutor se coloca como aquele que está no direito de desqualificar o oponente, colocando este em posição baixa, e o faz sempre perante um auditório.
- 7) O polemista incita a violência contra o outro.

A seguir, apresentaremos algumas análises que tratam da produção de efeitos de agressividade por meio de repreensões feitas ao adversário e correções da fala do outro,

considerando as marcas de “cortesia” e “atenuação”, dentre as quais se destacam: estrutura frasal, argumentação, sorriso, a ironia, produzindo efeitos de falsa harmonia.

Os efeitos da agressividade “cortês” no debate eleitoral³ de 2014:

Para esta análise, trataremos do segundo parâmetro estabelecido por Amossy, para categorizar um tipo de violência verbal: “O ponto de vista apresentado é totalmente desconsiderado e ridicularizado. Linguisticamente, o contra-discurso não apresenta a fala adversária se não sob formas fortemente desvalorizantes, mobilizando todo o arsenal do discurso relatado. A fala do outro é reprisada, reformulada, descontextualizada e invalidada, de modo a lhe privar de sua coerência própria, tratando-a de forma irônica, paródica”.

A partir deste parâmetro, reformularemos tal categoria de análise, acrescentando a ela um conjunto de enunciados que se direcionam à “repreensão do adversário”, não contemplada no terceiro parâmetro - pois “repreender” não se constitui necessariamente um ataque *ad hominem*, produzindo efeitos mais sutis -, e à “corrigir a fala ou ponto de vista do outro”, ora utilizando termos que produzem fortemente efeitos de agressividade, ora valendo-se de modalizações, pedidos de desculpa, recursos esses que produzem efeitos de “cordialidade”, nos dizeres de repreensão ou crítica.

Selecionamos um trecho referente ao debate veiculado na rede Globo no dia 24 de outubro, valendo-nos de mais um exemplo de como se produzem os efeitos de agressividade “cortês” quando ocorre a correção da fala do outro:

0:24:41 Dilma Rousseff: Candidato, eu sempre gosto de perguntar a respeito do Pronatec. Por que que eu gosto do Pronatec, candidato? Porque o Pronatec ele resolve várias questões e desafios. Vocês fizeram uma lei proibindo que o governo federal fizesse

³ O debate está disponível para visualização no site: http://www.dailymotion.com/video/x28mbkc_debate-rede-globo-dilma-x-aecio-completo-24-10-2014-hd_news

e mantivesse escolas técnicas. Por isso fizeram, ao longo de oito anos, só 11 escolas técnicas. O senhor era líder do governo FHC. O senhor vai continuar com essa política?

0:25:14 Aécio Neves: Eu não queria ter que corrigi-la em público, mas eu era líder do PSDB, mas vamos passar isso, deixar isso um pouco mais barato.

0:25:19 Dilma Rousseff: Dá no mesmo.

0:25:21 Aécio Neves: É, mais ou menos candidata. Para quem não conhece o Congresso Nacional, talvez sim, mas é muito diferente, é muito diferente.

No trecho transcrito, verificamos que a candidata Dilma afirma que Aécio era líder do governo FHC. Tal frase é corrigida pelo candidato, o qual declara ter sido líder do PSDB.

O enunciado “Eu **não queria ter que corrigi-la** em público, **mas** eu era líder do PSDB, **mas** vamos passar isso, deixar isso um pouco mais barato”, produz efeitos de cordialidade, de alguém que não quer humilhar, envergonhar o adversário, dialogando, desse modo, com o imaginário que se tem acerca do possível constrangimento da ‘correção em público’. Além disso, a própria estrutura frasal nega o interesse em ter que corrigi-la, para depois acrescentar uma oração adversativa, que traz justamente a correção negada num primeiro momento, constituindo-se como um argumento de maior valor e produzindo efeitos que amenizam uma possível agressividade e autoritarismo.

Aécio deixa visível a expressão de um sorriso, como corroborada pela imagem que se segue:



“Vamos deixar isso um pouco mais barato” (0:25:18)

Tomando o riso como uma estratégia de poder, lugar de inscrição, produção do discurso, poderemos verificar que apesar da mesma materialidade em diferentes contextos, tal expressão pode apresentar inúmeras funções e efeitos.

Nas palavras de Foucault, “o que se destaca é uma forma indefinidamente repetível [...] o próprio enunciado não pode ser reduzido a esse simples fato da enunciação, pois ele pode ser repetido apesar de sua materialidade” (FOUCAULT, 2009, p. 115). Desse modo, o riso, uma vez suscetível à transformação, reativação, pode tornar-se outro, produzindo efeitos de sentido distintos. Nas campanhas políticas, por exemplo, o riso torna-se algo obrigatório, uma ferramenta indispensável para produzir efeitos de simpatia, cortesia, afeto, bem-estar. No entanto, há momentos em que o riso funciona como um elemento auxiliador para descredibilizar ou satirizar a fala do outro.

O enunciado acima descrito é acompanhado de um riso. Tal expressão não produz efeitos de satisfação, cordialidade, mas sim de deboche, ironia, desprezo.

O trecho em que o candidato diz e ao mesmo tempo ri, são: “um pouco mais barato” e “para quem não conhece o Congresso Nacional”.

Feita a correção, Dilma responde dizendo que ser líder do governo FHC ou PSDB não faria diferença, nas palavras da candidata “Dá no mesmo”.

Nota-se novamente, na réplica do candidato, a utilização do riso para desqualificar o outro. Entretanto, esse efeito de agressividade produzido pelo tom de deboche é amenizado por expressões como “mais ou menos”, “para quem não conhece o Congresso Nacional”. Tais termos, se substituídos respectivamente pelo advérbio de negação ‘não’ e pela frase acusatória ‘você não conhece o Congresso Nacional’, produziriam efeitos de sentidos mais agressivos, dado o efeito peremptório do primeiro, e a sentença acusatória do segundo.

Esse jogo argumentativo e polêmico é produzido pelo seguinte silogismo:

Quem não conhece o Congresso Nacional não diferencia “ser líder do governo FHC” ou “ser líder do PSDB”;

Dilma não faz tal distinção;
Logo, ela não conhece o Congresso Nacional.

Esse tipo de argumentação, segundo Moïse (2012) e Amossy (2014), colabora para a construção de uma agressividade mais estratégica, por meio de ataques indiretos.

Em resposta, a candidata esboça um sorriso que produz efeitos de desconforto, talvez por não poder dizer o que gostaria. Este riso também pode ser entendido como uma forma de resistência frente a correção do candidato.

No tocante ao discurso político, “podemos afirmar que os risos corroboram a noção de micropoderes (FOUCAULT, 2010b), pois são enunciados sutis como um riso que são indícios de que a rede de poderes está em funcionamento e tensão constantes.” (SOUSA & FERNANDES, 2016).

A reação do público, após a fala de Aécio, foi de palmas e vaias, demonstrando divisão de opiniões e aumento da tensão do debate.

Outro exemplo dos efeitos de agressividade sob uma forma ‘polida’ pode ser evidenciado na sequência do mesmo debate, em que a candidata Dilma discute acerca da crise hídrica que ocorreu no Estado de São Paulo, caracterizada por alguns jornais - como a “Folha de São Paulo” - como sendo “a pior seca em mais de oitenta anos”. Vejamos o trecho:

“Aí o senhor vai me desculpar, mas eu vou concordar com o humorista José Simão, vocês estão levando o Estado para ter um programa ‘Meu banho, minha vida’, é isso que vocês conseguiram” (Debate Globo - 24 de outubro - 00:25:58)

A candidata inicia a discussão com a seguinte pergunta: “Como é que o senhor enxerga esta questão da água? Houve ou não houve falta de planejamento, candidato?”.

Os candidatos Dilma e Aécio atribuem a um e a outro a falta de responsabilidade e planejamento. Para o candidato tucano, a falta de planejamento foi do governo de Dilma. Para a candidata, quem não planejou da maneira como deveria foi o governo do Estado

de São Paulo, governado, nessa conjuntura, pelo tucano Geraldo Alckmin. Em outras palavras, a polêmica se instaura neste confronto de argumentos que tentam atribuir sempre ao outro a culpa, a responsabilidade pela ocorrência de uma das piores crises hídricas da história do Estado paulista.

Constatamos que a presença de algumas expressões permite que o efeito de agressividade não se deslize para a “agressividade pura”. O enunciado “Aí o senhor vai me desculpar” configura um exemplo de falsa harmonia, pois logo após este “pedido” de desculpa, aparentemente polido, ocorre uma crítica irônica.

No enunciado “Vocês estão levando o Estado para ter um programa: Meu banho, Minha vida”, observamos a construção de uma ironia que endossa esse efeito de agressividade, justamente por tratar uma questão tão séria de um modo irônico, despertando o riso no auditório.

A ironia é construída a partir de uma reformulação do nome de um programa do governo, intitulado “Minha casa, minha vida”. Mantém-se a sequência sintática, o pronome possessivo e o substantivo vida, substituindo o substantivo “casa” por “banho”. O ato de “tomar banho” é posto em relação ao sonho de “ter uma casa”, criando sentidos de que o banho se tornaria algo tão difícil quanto à construção e obtenção de uma casa, de modo a ironizar a dimensão da crise hídrica.

Segundo Fracchiolla e Romain (2015), a ironia funciona como um dos elementos utilizados na agressividade “cortês”. Fazer uso deste recurso enquanto instrumento de falsa harmonia é se “desresponsabilizar” daquilo que está sendo dito, é se “refugiar” nos efeitos de ambiguidade, escondendo-se sob o véu da “gentileza”. Entendida também como uma estratégia argumentativa, o dizer irônico facilitaria a aceitação social ao fazer emergir o riso, abstendo-se de possíveis censuras ou penalizações, uma vez que diz de um modo indireto.

Constroem-se imagens de um governo incompetente, produzindo imagens negativas do outro, ao passo que ao ridicularizá-lo, constrói imagens positivas de si, de um governo colaborativo, competente, e que portanto, não poderia ser responsabilizado pela crise hídrica no referido Estado.

Considerações finais

A partir dos dois exemplos apresentados, pudemos observar que os efeitos de agressividade - quando ela, ainda sim, está presente e marcada - produzidos nas repreensões e correções da fala do adversário são amenizados pelas marcas de “cortesia”, como a estrutura argumentativa, a ironia, os pedidos de desculpa seguidos da conjunção adversativa “mas”, elementos que contribuem para a construção de uma agressividade mais branda, indireta e estratégica, abrindo caminho para a produção de efeitos mais diretos, ácidos e agressivos, os quais podem ser encontrados em outros *médiuns* como as redes sociais, lugares em que a máscara da polidez torna-se dispensável e os indivíduos podem se “esconder” sob o véu de um pseudônimo ou perfil fictício.

No tocante ao corpo, não se pode negar que o desenvolvimento das tecnologias, das técnicas de focalização do rosto, por exemplo, exigiram um controle maior das expressões e gestos, tornando-os mais comedidos e *dóceis*. Em nossas análises, destacamos a expressão do sorriso, o qual se dá igualmente de modo sutil, embora produza efeitos agressivos de deboche e desprezo, funcionando como uma ferramenta para desqualificar a fala do outro.

Corpo, voz e verbo, moldados pelos recursos tecnológicos, submetidos aos papéis sociais e culturais que ocupam, bem como pelo *médium* em que está inserido, permitem a produção de efeitos de uma agressividade “polida”, afinal ocupar historicamente um lugar, nos permite dizer algumas coisas, censurando outras, uma vez que há regras determinadas por esses lugares, os quais nos impõem restrições que também estão intrinsecamente relacionadas ao público a quem são dirigidos os discursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. **Apologie de la polémique**. Paris: Presses Universitaires de France. Collection dirigée par Michel Meyer, Université de Bruxelles, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21-34.

COURTINE J.J. **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. Tradutores. Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques (1981). **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DESMARCHELIER, D. Les mots de la violence, la violence des mots dans le discours politique français contemporain. In: Bonnafous, Simone, Pierre Chiron, Dominique Ducard & Carlos Lévy. **Argumentation et discours politique. Antiquité grecque et latine, Révolution française, Monde contemporain** (Rennes : PUR). 2003. p.225-234.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. Estratégia, poder-saber (Ditos e Escritos IV). Org. e seleção de textos M. B. Motta. Tradução V. L. A. Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. Microfísica do poder. Tradução e organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010b.

FRACCHIOLLA, B. ROMAIN, C. « L'attaque courtoise : un modèle d'interaction pragmatique au service de la prise de pouvoir en politique », *Semen* [En ligne], 40 | 2015, mis en ligne le 17 novembre 2015. Acesso em 15.05.16. URL : <http://semen.revues.org/10418>

GREGOLIN, M. R. J. J. Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Orgs.). **Análise do discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Claraluz, 2008.

MOÏSE, C. « Argumentation, confrontation et violence verbale fulgurante », *Argumentation et Analyse du Discours* [En ligne], 8 | 2012, mis en ligne le 15 avril 2012, Acesso em 15.05.2016.
URL : <http://aad.revues.org/1260>

SOUSA, K. M. V. S. FERNANDES, E. M. F. O riso e o discurso político: contribuições de Foucault para o estudo do riso como materialidade discursiva. INTERLETRAS, ISSN Nº 1807-1597. V. 5, Edição número 23, Março/Setembro 2016.
<<http://www.unigran.br/interletras/conteudo/artigos/16.pdf>>. Acesso em 20.05.2016.

SOBRE A AUTORA:

Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos. É bolsista Fapesp (Processo n. 2015/09078-8) e desenvolve seu projeto no âmbito da Análise do Discurso de orientação francesa, tendo como foco a análise da agressividade no discurso político.

Possui graduação em Letras – Português e Inglês pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (2014).

Cursou disciplinas do Mestrado 1 (2014) na Universidade de Picardie Jules Verne como bolsista de graduação-sanduiche pelo Programa Philéas Accueil – Conseil régional de Picardie. Atua nos seguintes temas: análise do discurso político e midiático, propaganda eleitoral nos sites.